

Prêmio

Festa para a cultura

Apesar das injustiças, a escolha é um estímulo importante para a cidade

O Prêmio Luiz Estevão de Cultura foi, sem dúvida, o ponto alto de um ano pobre para a arte na cidade. O simples fato da iniciativa privada promover uma festa aberta para homenagear a produção local faz com que ele mereça ter todos os seus defeitos relegados a um plano inferior. O ponto mais importante do prêmio foi a festa final de entrega dos troféus — foi kitsch, esnobe, tudo o que quiserem, mas foi a única vez que quem faz as diversas formas de cultura na cidade se encontrou.

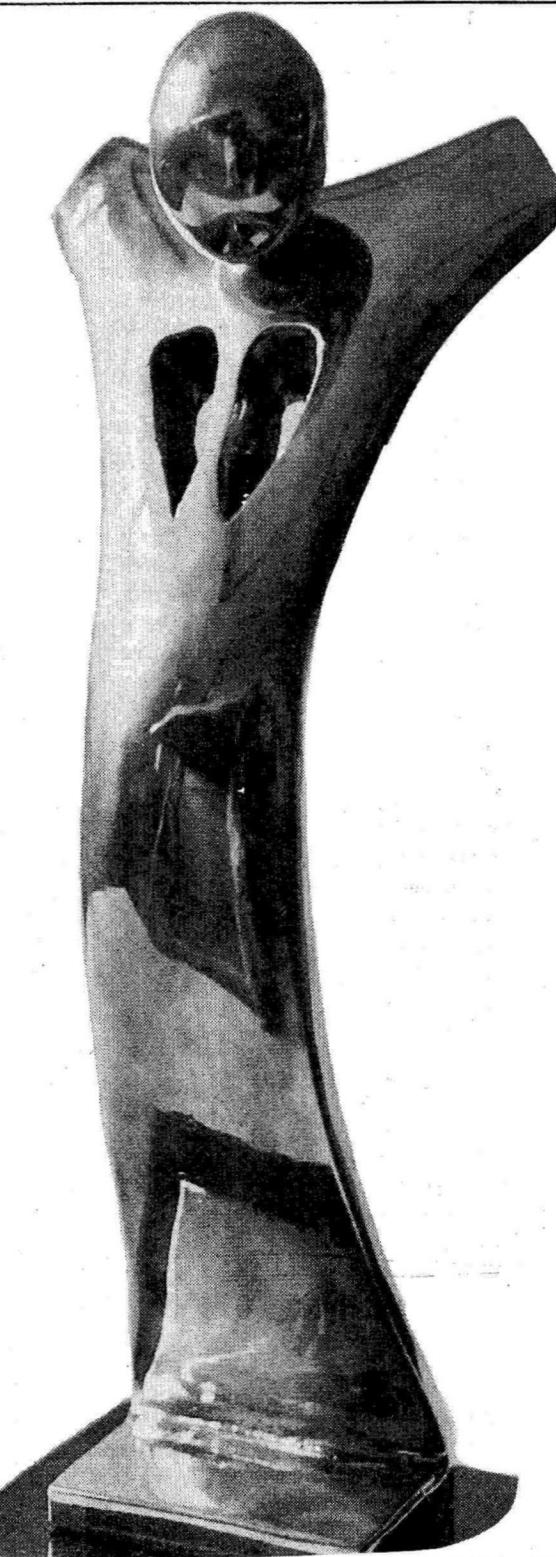
Os eruditos puderam conhecer os populares, o trabalho hilariante do grupo A Culpa é da Mãe saiu do limite adolescente que estava confinado, a Camerata pode se apresentar fora dos limites da Escola de Música e por

á em frente. Não era raro ouvir, na platéia, atônitos a perguntar: "Todos estes artistas são de Brasília?". Sim, todos eles são os ilustres desconhecidos que fazem a arte respirar na cidade, são as personagens que ficam escondidas sob o lamaçal promovido pelos políticos que vêm de seus estados para fazer falcatruas nos limites do Distrito Federal e transformar a cidade em sinônimo de corrupção, de desmando, de sem-vergonhice.

Esses artistas mostram que a cidade tem vida e se incomoda em servir de dormitório para estes corruptos, uma gente que insiste em não deixar emergir o que Brasília tem de melhor: a gente que vive na cidade por vontade própria, que faz o lobby do bem, que nem sabe o que é uma empreiteira e não se preocupa com emendas outras que não sejam na própria roupa. A partir de hoje o CORREIO BRAZILIENSE publica um perfil dos vários vencedores do prêmio Luiz Estevão de Cultura, ao mesmo tempo em que torce para

que, no próximo ano, defeitos sejam corrigidos, principalmente na escolha dos vencedores, o que não pode de maneira alguma ficar limitado a um grupo de três pessoas.

Um pequeno júri como este poderia até mesmo indicar as três obras mais importantes em cada categoria para que depois um outro grupo de jurados, maior e mais representativo, pudesse escolher o vencedor. É mais democrático e evitaria equívocos como a vitória da boa Orquestra Sinfônica do Teatro que, este ano, no segundo semestre, teve o pior período de sua História, em detrimento de dois grupos fantásticos, notadamente o Quarteto de Brasília, que produziu o melhor disco de música clássica do Brasil este ano. Também houve problemas na premiação da área de cinema, mas tudo isso merece ser esquecido a partir da importância que o prêmio assumiu. E a iniciativa não tem mais como parar: Brasília já espera a segunda premiação. Com vocês, os vencedores. (Paulo Pestana).



Premiado com a menção honrosa, Bulcão preferiu o silêncio da modestia

O artista plástico Athos Bulcão, na cidade desde 1958, hoje é visto como um dos maiores representantes da cultura brasileira. Tanto que o reconhecimento chega generosamente, em forma de diversos prêmios e homenagens feitas a ele. A mais recente aconteceu durante a entrega do Prêmio Fundação Luiz Estevão de Cultura, no último dia 15. Premiado com um troféu, pelo conjunto de sua obra e, emocionado, na ocasião, o artista preferiu o silêncio da modéstia.

Aos 75 anos, esse artista plástico carioca, que tem sua marca impressa em grandes monumentos artísticos da cidade, como os cubos de concreto na parte externa do Teatro Nacional, em edifícios do Setor Comercial Sul e fora da cidade também, combi-

na a pintura com seus complementos artísticos. Esse "senhor" artista admite o cansaço, mas avisa que não se rende a ele, quando trata-se de continuar desenvolvimento seu trabalho. "É um trabalho que me dá muito prazer", costuma ressaltar.

Nem as vistas exaustas impedem que ele perca noites de sono em frente a uma tela. Extremamente simples e modesto quando o assunto é falar de si mesmo, Athos Bulcão só não consegue esconder o orgulho que sente quando é indicado para um prêmio ou homenagem. "Estou muito emocionado, mas não acho que minhas obras valem tanto assim", admitiu, um pouco antes de receber os aplausos na noite da cultura brasiliense, no último dia 15. Também quando foi convidado para participar do Panorama de Arte Atual Brasileira/Pintura, em abril deste ano, o artista não conseguiu esconder a emoção. "Até hoje, um convite assim é motivo de orgulho, porque meu trabalho é ativo e isso é um motivo de entusiasmo para continuar", revelou na ocasião.

Sucesso — O talento e o suces-

so pareciam estar destinados ao artista, que desde pequeno deixava fluir a arte em seus "rabiscos" de criança. A arte era tão forte em sua vida, que Athos Bulcão abandonou o terceiro ano do curso de Medicina no Rio, em 1939. Quem não gostou muito dessa troca — afinal o estudante de Medicina deixava a faculdade para tentar as Artes — foi sua família. "Mas eu tinha que viver minha vida", reconhece.

Oficialmente, Athos Bulcão iniciou sua carreira em 1941, quando ganhou seu primeiro prêmio, no Salão de Arte Moderna do Rio de Janeiro, com trabalhos em pintura e desenho. Para Brasília, Bulcão veio à convite do arquiteto Oscar Niemeyer. "Ele me convidou para fazer os painéis dos prédios que iria projetar", recorda-se. Desde então, a cidade encheu-se das marcas desse artista, que tão bem soube empregar sua técnica para tornar Brasília uma das mais belas capitais do País.

Desde então também, Niemeyer e Bulcão tornaram-se parceiros inseparáveis de trabalho. "É primordial a integração do artista com o arquiteto", afirma. O Palácio da Alvorada,

Praça dos Três Poderes, Itamarati, Catedral, Panteão da Liberdade, Memorial JK são alguns dos monumentos da cidade que resultaram dessa abençoada parceria. O resultado de seu trabalho junto com outros arquitetos, também pode ser observado no edifício sede o Banco do Brasil, Conjunto Nacional e muitos outros. Especial, entre tantos trabalhos que arrancam a admiração das pessoas, Bulcão consegue destacar o desenho feito por ele nos azulejos do espaço reservado para a imprensa, na Câmara Legislativa do DF. "Adorei fazer aquele trabalho, principalmente porque me deram plena liberdade na escolha do material", adianta.

Esse artista de nome conhecido internacionalmente em obras que Niemeyer projeta lá fora e trabalhos que o próprio artista consagrou no exterior, ainda encontra tempo para se dedicar à Fundação Athos Bulcão, que tem como um dos objetivos principais, a divulgação da cultura brasileira e o incentivo aos artistas locais.

Socorro Ramalho

Os Vencedores

Artes Cênicas

- Teatro
"Provisoriamente Paixões", direção de Fernando e Adriano Guimarães
- Dança
"Animater", Grupo Endança

Artes Visuais

- Cinema
"Sendo Assim", de Ana Cláudia Porto
- Vídeo
"Cerâmica Wauja", de Ianaculá Rodarte

Literatura

- Poesia
"Pura Lira" e "Sinto Muito", de Hélio Póvoas
- Prosa
"O Teatro dos Vícios", de Emanuel Medeiros

Artes Plásticas

- Pintura
Glênio Bianchetti

Música

- Clássica
Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional
- Popular
Renato Matos
- Homenagem Especial
Athos Bulcão, pelo conjunto da obra